



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

MÁRCIA TAYNARA MACHADO DE ALMEIDA

**O LUGAR (OU NÃO LUGAR) DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO
ATENDIMENTO/ASSISTÊNCIA AO AUTISMO NO MUNICÍPIO
DE PORTO FRANCO - MA**

TOCANTINÓPOLIS/TO
2022

MÁRCIA TAYNARA MACHADO DE ALMEIDA

**O LUGAR (OU NÃO LUGAR) DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO
ATENDIMENTO/ASSISTÊNCIA AO AUTISMO NO MUNICÍPIO DE PORTO
FRANCO - MA**

Artigo avaliado e apresentado à UFNT – Universidade Federal do Norte do Tocantins – Centro de Educação, Humanidades e Saúde de Tocantinópolis, Curso de Licenciatura em Educação Física para obtenção do título de graduação e aprovado em sua forma final pelo orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador: Prof. Dr. Mayrhon Abrantes Farias.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- A4471 Almeida , Márcia Taynara Machado de .
O lugar (ou não lugar) da Educação Física na
assistência/atendimento ao autismo no município de Porto Franco-Ma.
/ Márcia Taynara Machado de Almeida . – Tocantinópolis, TO, 2022.
26 f.
- Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins –
Câmpus Universitário de Tocantinópolis - Curso de Educação Física,
2022.
- Orientador: Mayrhone José Abrantes Farias
1. Transtorno de Espectro Autista. 2. Educação Física . 3.
Assistência . 4. Instituições Públicas. I. Título

CDD 796

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de
qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde
que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime
estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica
da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

MÁRCIA TAYNARA MACHADO DE ALMEIDA

**O LUGAR (OU NÃO LUGAR) DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO
ATENDIMENTO/ASSISTÊNCIA AO AUTISMO NO MUNICÍPIO DE PORTO
FRANCO - MA**

Artigo foi avaliado e apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Tocantinópolis, Curso de Educação Física para obtenção do título de Bacharel e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador: Prof. Dr. Mayrhone Abrantes Farias

Data de aprovação: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Mayrhone Abrantes Farias - UFNT

Prof. Dr^a. Janaína Ribeiro de Rezende – UFNT

Prof. Dr. Adriano Lopes de Souza - UFNT

Tocantinópolis, 2022

AGRADECIMENTOS

Primeiro a Deus, sem ele eu não estaria escrevendo o que escrevo agora, a todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para que eu pudesse estar onde estou hoje. Minha tia Marlene, (mãe de criação) que criou-me com tanto esforço e que cravou em minha mente duas frases que eu carrego pra vida: “Eu não posso te dar luxo, o que eu posso te oferecer hoje é o estudo, aproveita”. “Faça o que eu digo, não faça o que eu faço”, lembrarei para sempre.

Meu padrinho (pai de criação) Flaubiano que assumiu outro papel tão importante em minha vida, o papel de pai, dona Elizabeth (em memória), Betinha minha eterna patroa, que me ensinou a ser uma boa empregada doméstica, no entanto, quis que eu fosse além. Ela me disse uma das frases mais difíceis de esquecer, "Minha filha estude, porque faxina você já sabe fazer muito bem", o ser mais humano que já conheci na minha vida.

Aos meus irmãos Mayckon Charles e Marcus Vinicius pelas batalhas que enfrentamos juntos, meu esposo Reginaldo e minhas filhas Thailane e Rauany pela paciência que tiveram, principalmente quando não me tiveram por perto devido às demandas da vida universitária. Também, meu Pastor Josias Baia, e outra frase: “Estude enquanto aguarda Jesus voltar”.

Meu trio fantástico da UFNT minhas meninas Milena, Juliana e Paloma, pela amizade, pelos sorrisos, e pela força, também o Dirceu barqueiro pela parceria nesses anos. Aos professores da UFNT por todo conhecimento compartilhado, professor Adriano Lopes, um profissional excelente e inspirador além de humano, ao professor Adriano Filipe Granjeiro por entender e atender às minhas necessidades quanto a guarda religiosa e trazer possibilidades para que eu pudesse concluir no tempo previsto mesmo com tantos percalços.

E em especial o meu orientador prof. Dr. Mayrhon José Abrantes Farias, que me orienta desde o 1º período, com o qual aprendi tanto, tenham certeza que cada um à sua maneira deixou suas impressões digitais em mim e que eu as levarei por todo o sempre.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: tipo de estudo e aspectos éticos	11
2.1 Participantes da pesquisa	11
2.2 Critério de inclusão e exclusão	Error! Bookmark not defined.
2.3 Coleta de dados	12
3 RESULTADOS.....	12
3.1 Instituições sociais: possibilidades pedagógicas envolvendo as práticas corporais e autismo.	12
3.2 Docentes pesquisados: características gerais	16
3.2.1 Formação e tempo de atuação	17
3.2.2 Etapas de atuação na educação básica e atuação com o TEA.....	17
3.2.3. Formação continuada e experiências concretas dos professores com o TEA.	17
3.2.4 Importância da EF e a agenda de atendimento ao sujeito com autismo.....	18
4 DISCUSSÕES.....	19
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS.....	24

**O LUGAR (OU NÃO LUGAR) DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO
ATENDIMENTO/ASSISTÊNCIA AO AUTISMO NO MUNICÍPIO DE PORTO
FRANCO – MA**

**THE PLACE (OR NOT PLACE) OF PHYSICAL EDUCATION IN CARE/CARE THE
AUTISTIC CHILD IN PORTO FRANCO-MA**

Márcia Taynara Machado de Almeida¹, Mayrhon Abrantes Farias²

RESUMO: O presente estudo tem como objetivo mapear e analisar o lugar (ou não) da Educação Física na assistência ao autismo em Porto Franco, Maranhão. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de campo, de nível exploratório, com abordagem qualitativa. A imersão em campo foi dividida em duas etapas, sendo a primeira destinada para o mapeamento de ações em sete instituições públicas ou filantrópicas da cidade e, a segunda, de análise da perspectiva de oito docentes da rede municipal. A técnica de análise de conteúdo de Bardin foi utilizada durante a sistematização e interpretação dos registros, colaborando na compreensão das narrativas. Os resultados demonstram que a maioria dos professores não possuem formação específica para atuarem com esses sujeitos. Com o estudo, foi possível ainda identificar que o município não apresenta uma agenda de atendimento ao autista, desenvolvendo apenas ações pulverizadas que não atendem às especificidades dos sujeitos em questão.

Palavras-chaves: Transtorno do Espectro Autista. Educação Física. Assistência.

ABSTRACT: The present study aims to map and analyze the place (or not) of Physical Education in the care of autistic children in Porto Franco, Maranhão. Therefore, a field research was carried out, at an exploratory level, with a qualitative approach. The immersion in the field was divided into two stages, the first aimed at mapping actions in seven public and philanthropic institutions in the city and, the second, analyzing the perspective of eight teachers from the municipal network. Bardin's content analysis technique was used during the systematization and interpretation of records, helping to understand the narratives. The results show that most teachers do not have specific training to work with these subjects. With the study, it was possible to identify that the municipality does not have an autistic care agenda, developing only pulverized actions that do not meet the specificities of the subjects in question.

Keywords: Autism Spectrum Disorder. PE. Assistance.

¹ Graduanda em Educação Física, Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT. E-mail: marcia.taynara@mail.uft.edu.br

² Doutor em Educação Física, Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT. E-mail: mayrhon@uft.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Segundo Assumpção et al (2000), o termo autismo refere-se a uma condição bastante complexa e inspira que abordagens multidisciplinares sejam desenvolvidas com o intuito de promover avanços em aspectos educacionais e sociais. Nesse sentido, o Transtorno do Espectro Autista –TEA vem ganhando espaço em debates frente à comunidade científica, sendo de grande necessidade estudá-lo para avançar de forma mais significativa na perspectiva das intervenções junto aos sujeitos.

Estudos realizados sobre o autismo até então preveem que a “quantidade de crianças diagnosticadas com autismo está aumentando nos últimos anos. Em 1980 a prevalência era de 1 em cada 10.000”, (GAIATO, 2018). Ademais, uma pesquisa desenvolvida em 2018 com um público de escolares norte-americanos evidenciou que cerca de 1 a cada 59 crianças foi diagnosticada com autismo (CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION, 2018). Percebemos, portanto, que há um aumento significativo no número de casos de autismo no mundo.

Mediante tamanha complexidade, alguns autores destacam a importância de incitar debates acerca da inclusão de crianças com diferentes especificidades, visando uma educação que alcance a todos e, nesse sentido crianças com TEA (RECHINELI et al, 2008). Isto posto, supõe-se que ampliar debates seria apenas um dos fatores que contribuiria aos avanços em relação ao TEA, visto que, segundo Stelzer (2010) estudos acerca dessa temática já vem sendo desenvolvidos há cerca de um século.

Em relação ao diagnóstico, Gaiato (2018), diz que mesmo havendo a possibilidade de o autismo ser identificado e diagnosticado em crianças bem pequenas, até mesmo antes dos 24 meses de idade, o número de crianças confirmadas com o diagnóstico nessa faixa etária é considerado bem pequeno, dificultando assim as intervenções. Quando se trata de uma cidade longe de grandes centros urbanos, como Porto Franco, situada no sul do Maranhão, a tendência é que esse cenário se agrave, dificultando a composição de uma agenda pública de assistência às crianças com TEA.

Considerando que o cenário social atual expõe preocupação de diversos setores em relação ao diagnóstico precoce e preciso, conforme sinaliza Bosa (2006), pensar em intervenções pedagógicas e uma perspectiva de formação que contemple o acolhimento e a intervenção com autistas se faz necessário. Outrossim, em relação a questões sobre a inclusão desses sujeitos na escola, de acordo com Pimentel (2020,

p. 17) "Os professores que trabalham com a Educação Física escolar precisam incluir os alunos com TEA estimulando-os a participarem de suas aulas".

Nesse sentido, parte-se da hipótese de que a falta de políticas de atendimento assistencial por parte do poder público possa ser um dos fatores que dificultam intervenções pedagógicas junto a esses sujeitos, sobretudo nas aulas de educação física, além da falta de formação específica para atuar na área. Visto o cenário e suas especificidades, o presente trabalho tem como objetivo mapear e analisar ações educacionais desenvolvidas no município de Porto Franco, Maranhão, que atendam (ou não) crianças autistas. A priori, mapeando as ações por meio da agenda de atendimento por parte das instituições públicas e filantrópicas (saúde, educação e assistência social) e, posteriormente, sob a perspectiva escolar que atendam (ou não) as crianças com TEA.

Para Volkmark e Wiesner (2019) o TEA (ou como é conhecido atualmente TEAs), são transtornos que apresentam prejuízos significativos na forma de interação sendo essa uma de suas principais características usadas para se realizar o diagnóstico de TEA. Não obstante, para além do prejuízo na interação social, há também a possibilidade de alterações na comunicação, ou seja, dificuldade de expressar-se, podendo ocorrer a ausência de fala, padrões limitados ou estereotipados de comportamentos e ainda a presença de interesses específicos ou que se repetem (KLIN, 2006).

Conforme sinaliza ainda a literatura, o TEA pode ser classificado por níveis de gravidade ou necessidade de apoio. Concernente a esses níveis em que o autismo se manifesta, a nova normativa presente no Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), divide o TEA em nível 1, 2 ou 3 variando de acordo as especificidades que a pessoa com autismo venha a apresentar (GAIATO,2018). O DSM-V é um documento manual-base de diagnósticos dos transtornos mentais tido como referência e muito utilizado pelos profissionais na área da saúde.

Estudos sinalizam alguns fatores que levam a dimensionar melhor a curva crescente nos casos de autismo, entre os aspectos indicados no "aumento" de casos, Gaiato (2018) apresenta algumas prerrogativas envolvidas nesse quantitativo, dentre elas, o fato de que houveram algumas mudanças no que tange o diagnóstico ao passar dos anos, pois, os critérios para se classificar como TEA, abrangia sintomas mais graves que os critérios atuais, fazendo com que o espectro seja avaliado de forma mais ampla atualmente. Segundo Sá *et al* (2015), o autismo, em alguns casos

pode vir a estar associado ainda a outras síndromes; e ser, assim, confundido com deficiência intelectual.

Atualmente, é perceptível o interesse demonstrado pela sociedade, que fomenta e levanta discussões sobre a temática, instigando olhares cada vez mais atentos ao TEA, tendo em vista, dentre tantas especificidades, a dificuldade na interação. Apesar de haver registros de casos que identifiquem casos de questões que envolvem a interação social; e da importância dela no modo como as pessoas se comportam e se relacionam, desde o século passado, conforme aponta Camargo e Bosa (2009), o TEA vem ganhando destaque mais recentemente, bem como sendo tema de debates e também de incertezas.

Segundo Pinto *et. al.* (2016), mesmo sabendo que o autismo até o momento não tem cura, evoluções no quadro autístico são possíveis a partir de um diagnóstico aliado à intervenção precoce. No entanto, além da dificuldade em obter um diagnóstico, após este, ou quando se consegue, uma outra situação se instala, a busca por acompanhamento e intervenções adequadas à criança de forma que atenda às suas especificidades, visto que, cada autista pode vir a apresentar um nível de desenvolvimento diferente do outro (ONZI; GOMES, 2015).

Para muitos autores, o diagnóstico precoce é o ponto de partida às intervenções. No entanto, “muitas crianças, especialmente no Brasil, continuam por muitos anos sem um diagnóstico ou com diagnósticos inadequados” (PESSIM; FONSECA, 2015, p. 2). Nesse sentido, as preocupações que circundam o autismo se intensificam, visto que, intervir sem conhecer pode se configurar em um caminho tortuoso e incerto.

Isto posto, o presente trabalho visa entender o cenário autístico no município por meio da presente pesquisa que ocorreu em duas etapas. A primeira, se deu mediante um mapeamento, por meio de visitas a instituições públicas ou filantrópicas (saúde, educação e assistência social) no município de Porto Franco - Maranhão, tendo como ponte a secretaria de assistência social do município, que apontou outras instituições e foi desencadeando outras visitas, e a segunda por meio de entrevistas com professores de Educação Física da rede de ensino pública do município.

Desse modo, o artigo está organizado em seções, sendo elas: 1) a introdução, que apresenta delineamentos gerais acerca do autismo, assim como os objetivos pretendidos com o trabalho; 2) os delineamentos metodológicos que lançam mão de aspectos gerais que pavimentam a pesquisa, assim como a abordagem e técnica para

se obter informações que foram utilizadas; 3) os resultados que se subdividem no mapeamento das instituições públicas ou filantrópicas da cidade que abordem/utilizem de alguma forma a Educação Física em suas ações e outra subseção acerca dos docentes pesquisados; 4) as discussões; 5) as considerações finais.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: tipo de estudo e aspectos éticos

No tocante aos termos metodológicos, pretendeu-se realizar uma pesquisa de campo, de nível exploratório e abordagem qualitativa, utilizando como técnica de produção de informações, um mapeamento com instituições públicas ou filantrópicas nos âmbitos; da saúde, social e educacional, que atendessem por meio das práticas corporais de movimento a sujeitos com autismo e depois, entrevistas estruturadas com professores de Educação Física escolar atuantes na rede de ensino do município.

Para colaborar na compreensão das narrativas dos sujeitos envolvidos, a técnica de análise de conteúdo de Bardin (2016), foi utilizada no processo de sistematização e interpretação dos registros de campo. A análise de conteúdo configura-se em “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis [...]. Absolve e cauciona o investigador por essa atração pelo escondido, o latente, o não aparente o potencial de inédito (do não dito) retido por qualquer mensagem” (BARDIN. 2016. p.8). A base teórico-metodológica que fundamentará a análise de dados será estudos que cerceiam o TEA e discutam temáticas como: diagnóstico e assistência à criança com o transtorno do espectro autista.

2.1 Participantes da pesquisa

Os participantes da pesquisa, a princípio, foram sujeitos que respondessem pelas instituições públicas ou filantrópicas de Porto Franco - MA que atendessem crianças autistas por meio de práticas corporais nos âmbitos da saúde, educação e assistência social. Conforme o mapeamento foram 14 instituições visitadas, sendo que a primeira(assistência social) nos apontou direções as quais nos fez chegar às demais Destas, apenas 7 apresentaram critérios para inclusão na pesquisa, sinalizando em suas práticas ações minimante voltadas ao público em questão.

Posteriormente, participaram oito professores de Educação Física escolar que atuam na rede pública de ensino de Porto Franco – MA, sendo que dois atuam na zona rural e seis na zona urbana do município. Dentro dos critérios de inclusão,

estavam professores de Educação Física da rede de ensino pública que manifestassem interesse em participar da pesquisa, ainda que não tivessem tido alguma experiência com aluno diagnosticado com TEA. Como critério de exclusão, professores de Educação Física que não se dispuseram a participar desta e responder ao questionário.

2.3 Coleta de dados

Os procedimentos de produção de informações em campo foram subdivididos em duas etapas. A primeira, diz respeito ao mapeamento das ações assistenciais realizadas dentro do município de Porto Franco, com descrição e percepções do que foi coletado, a segunda, escuta às instituições educacionais nas pessoas dos professores de Educação Física escolar quanto às suas experiências/vivências com esses sujeitos autistas.

As informações foram produzidas utilizando como técnica de produção de informações a entrevista, com roteiro estruturado. Foi utilizado como recurso complementar um aparelho de celular com gravador de áudio para captação das respostas. A priori, buscamos informações instituições públicas e filantrópicas de Porto Franco, no intuito de saber das ações que atendessem aos sujeitos autistas.

Por não conseguirmos registros suficientes apenas com as instituições em relação aos contornos do objeto, houve a necessidade de ampliarmos o universo de pesquisa e buscar também nas escolas, mais especificamente com os professores de Educação Física. Destaca-se que em algumas situações as entrevistas aconteceram no ato da visita, outras exigiram a necessidade de agendamento. Assim sendo, os encontros ocorreram conforme a disponibilidade de ambas as partes, pesquisadora e unidade concedente.

3 RESULTADOS

3.1 Instituições públicas ou filantrópicas de Porto Franco - MA e o “não lugar” da Educação Física nas intervenções de crianças com TEA

Na primeira etapa da pesquisa, foram visitadas 14 instituições; sociais, educacionais e no âmbito da saúde, na busca por mapear as ações desenvolvidas (ou não) que tivessem como público a criança autista, sob a perspectiva das práticas corporais. Do total, apenas sete apresentaram uma perspectiva de ações práticas desenvolvidas que recorram à Educação Física ou aborda algum tipo de relação com

práticas corporais, das sete instituições uma é filantrópica e as seis são instituições públicas que atuam no âmbito da saúde, educação e também no âmbito social. As demais destacaram-se somente com uma perspectiva de formação e informação quanto ao assunto apresentado, mas foram importantes, pois nos apontaram caminhos. Desse modo, a seguir será dado enfoque apenas nas instituições que apresentaram elementos para auxiliar na resposta de nosso problema de pesquisa, daremos nomes fictícios às instituições com o intuito de resguardar suas identidades.

A primeira instituição visitada nomeamos por Luzeiros, a mesma atende por meio de práticas pedagógicas a sujeitos de especificidades distintas, dentre elas pessoas com autismo. O local conta com o atendimento de professoras especialistas em inclusão. No que diz respeito aos critérios referente às crianças estarem inseridas na instituição, além de ser imprescindível estar devidamente matriculada na rede regular de ensino, para ser atendido pelo local, é exigido um laudo médico.

São atendidas 14 crianças autistas, o atendimento acontece no contra turno às aulas regulares, duas vezes por semana, com duração de duas horas por atendimento, incluindo crianças verbais e não verbais. O laudo médico seria um fator importante para receber a criança com TEA, pois o mesmo seria o norte às ações a serem desenvolvidas com os sujeitos, de acordo com o nível de necessidade que o mesmo viesse a apresentar. Os atendimentos ocorrem de forma coletiva e/ou individualizada levando em consideração o nível de interação dos sujeitos. A ênfase dos atendimentos é trabalhar a alfabetização, no entanto, o local conta com um profissional em Educação Física, que no momento da pesquisa se encontrava em afastamento.

Já a respeito da segunda instituição, Saberes, o local ainda não havia sido devidamente inaugurado, mas realizava atendimentos de forma parcial, mesmo não estando com os ambientes de atendimento totalmente finalizados. A data para a inauguração estava prevista para ocorrer no mês de agosto do ano vigente. Foi reforçado que o local atenderia crianças com TEA e também a outras especificidades, sendo que o trabalho ali a ser desenvolvido teria como foco as questões de dificuldades de aprendizagem, assim como na primeira instituição. Até o momento não haviam atendido nenhuma criança com autismo, porém foi relatado que eles já haviam recebido demandas de atendimento por meio de solicitações de famílias e escutas realizadas nas escolas, visando entender as necessidades para melhor assistir o público em questão.

O local conta com um profissional em Educação Física que é o mesmo que atua na primeira instituição e encontrava-se afastado. Ao conseguir contato com o professor responsável pelas práticas nas duas instituições, o mesmo relatou que:

"Trabalhar com criança autista é muito bom! Uns gostam de música, outros não. Tem que levar brincadeiras que chame atenção deles, trabalhar a coordenação motora... Tem uns que só faz aquilo que você faz e mostra pra ele fazer. Trabalhar com autista é você montar atividades que chame a atenção deles, tem que ser coisas coloridas. Eu trabalho com eles no corpo todos os tipos de atividades, boto pra correr, boto pra pular corda, boto pra fazer circuitos, coloco pra brincar da brincadeira das cadeiras, dançar. Você tem que improvisar. Você monta uma coisa hoje, leva, chegar lá eles não quer [...]".

Na terceira instituição, Janelas, há projetos sendo desenvolvidos, porém voltados a outras populações. O local conta com um Educador social e um profissional em Educação Física que executam algumas atividades, mas que não contemplam o público da nossa pesquisa na perspectiva esperada. No entanto, há um programa que se aproxima minimamente do objetivo da pesquisa intitulado "Criança Feliz", que, segundo a entrevistada, faz atendimentos domiciliares, com visitas periódicas de 15 em 15 dias e atende crianças de até 6 anos de idade. Ademais, foi relatado que o projeto trabalha quatro dimensões dos sujeitos atendidos: cognitiva, socioafetiva, motora e linguagem. Não foram apresentados detalhes de como ocorrem essas atividades, apenas que o programa atende, atualmente, uma criança com TEA.

A respeito da quarta instituição, Jardins, a mesma dispõe de duas pessoas responsáveis pela pasta dos esportes, e estes relataram que não havia até a data, ações ou algo que fossem voltadas a esse público do ponto de vista prático. Os mesmos foram recorridos na presente pesquisa por comporem a área de Educação Física por meio do conteúdo esportes. No entanto, a única demanda que eles já atenderam em relação a sujeitos com TEA até então, foi a de conseguir um local adequado para os mesmos e outros com diferentes especificidades treinarem por solicitação de uma instituição que atende diretamente a diferentes tipos de deficiências.

Na quinta instituição, Estrelas, a primeira informação que nos chamou a atenção foi que a responsável pelo local é mãe de uma criança autista. A mesma relatou que é uma instituição filantrópica que atua com a ajuda de voluntários. Mencionou ainda que não estão com o quadro de profissionais completo e que não contam com um profissional de Educação Física, mas há no local um coordenador da área de lazer e desporto. Na ocasião da visita feita à instituição, a equipe estava em processo de preparação para disputar as olimpíadas especiais, preparando equipes

nas modalidades de Atletismo e Futsal. Na oportunidade, fomos convidados a assistir um treino deles; e viajar como apoio nas olimpíadas que ocorreriam em Agosto de 2022 na cidade de São José de Ribamar - MA.

No que se diz respeito a sexta instituição, Pequenos raios, o ambiente dispõe de uma equipe multiprofissional, composta por enfermeiro, psicóloga, psiquiatra, terapeuta ocupacional e assistente social. O local atende a crianças e adolescentes com autismo, em que o primeiro momento de abordagem com esses sujeitos se dá por meio de uma triagem. As intervenções vão desde a medicação, a terapia ocupacional, a momentos de interação entre os sujeitos. Foi mencionado o atendimento compartilhado dentro do município com outras instituições, como por exemplo, instituições ligadas à educação.

Foi relatado momentos de convivência dos sujeitos dentro da instituição, que por causa da pandemia e do déficit no quadro de funcionários ainda se encontrava suspensa. Segundo o entrevistado, o local dispõe de um profissional em Educação Física, que executa atividades físicas com os sujeitos, porém não foi dado detalhes à respeito, visto que estavam suspensas tais atividades. As únicas ações que estavam acontecendo até então eram atendimentos com a psicopedagoga, psicólogo, psiquiatra e com a farmacêutica.

Por fim, dentre todos os locais visitados, a sétima instituição, Astros, foi a que mais apresentou elementos acerca de ações com a Educação Física no atendimento da criança com TEA. A mesma recebe sujeitos de 5 a 18 anos de idade, com atendimentos três vezes na semana. O ambiente conta com atividades como balé e futebol. O espaço conta com um professor de Educação Física e um facilitador de esportes. Segundo a coordenadora do local, na oportunidade, ainda não atuavam com crianças autistas, mas sinalizou que a procura estava grande e que estavam se preparando para a demanda.

Em conversa com o facilitador de esportes, que também atendia na quinta instituição o profissional relatou não possuir nenhuma formação e no momento estudava psicologia. Apontou ainda, que a instituição recebia “[...]algumas crianças com problemas sim”, contradizendo a fala da coordenadora do local. Ao ser questionado acerca do lugar da Educação Física na intervenção pedagógica com crianças autistas, o mesmo respondeu que:

"A Educação Física é primordial por abrir um leque na capacidade de pensamento e desenvolvimento da criança [...] se a criança não

apresenta aquele desempenho, quando começa a praticar a Educação Física e o esporte é totalmente diferente. É maravilhoso demais!”.

A respeito dos tipos de atividades desenvolvidas com as crianças, o mesmo relatou que o futebol é mais executada em ambos os sexos, e que as crianças apresentavam dificuldades em vivenciar os jogos coletivamente. Nesse sentido, pontuou: *"Tem que ter um olhar especial, só vai trabalhar com quem é autista quem ama, porque as dificuldades são muito grandes. O desafio é entender, se colocar sempre no lugar deles... é você estar se capacitando todos os dias”.*

Dentre os pontos positivos de se trabalhar com crianças autistas destacadas pelo profissional, está o desenvolvimento. Já sobre a existência ou não de algum tipo de assistência a esses sujeitos por parte do poder público, o mesmo declarou:

“Pra ser sincero, a gente fica até meio balanceado. Hoje eu trabalho no município e eu vejo a importância dessa instituição aqui na sociedade para eles, mas se nós for fazer um contexto geral é uma coisa muito pouca, infelizmente. Você vê que falta muita estrutura pra eles ainda, no nosso país para que melhore a qualidade de vida deles”.

De mais a mais, apesar das falas apresentadas dentro do contexto das instituições, e em especial a sétima, apresentarem alguns delineamentos em torno da Educação Física em locais, em tese, de assistência à criança autista, ainda assim se mostraram incipientes para os objetivos de nosso trabalho. Assim, buscamos nas instituições de ensino, mais especificamente com os professores de Educação Física, experiências que pudessem dar mais robustez ao nosso objeto de estudo.

3.2 Professores de Educação Física em Porto Franco – MA e as experiências em relação as crianças com TEA

No que diz respeito a segunda etapa da pesquisa, esta se deu no âmbito escolar. Muito embora, o processo de aproximação não tenha se dado de forma simples, conseguimos alcançar os objetivo de angariar as informações necessárias para o transcorrer de nossa pesquisa. Sublinhamos que; a primeira tentativa de contato se deu através da Secretaria de Educação do município, por meio da coordenadora de Educação Física, onde foi possível obter o quantitativo de professores atuando na rede. A informação obtida foi da existência de 24 professores atuando, sendo 12 no perímetro urbano e 12 na zona rural. Desse quantitativo apenas 8 aceitaram participar da pesquisa.

Ainda por intermédio da coordenadora, foi possível contatar com esses professores por meio de um grupo de *whatsApp*, onde os mesmos estavam inseridos, viabilizando o contato e agendamento das entrevistas. Destacamos que os processos de pesquisa se mostraram relativamente dificultados com o público elencado, representado no quantitativo de apenas oito professores, equivalente a um terço da amostragem, que aceitaram participar, dentre eles seis eram homens e duas mulheres. Algumas das justificativas para a não devolutiva foram tempo e a não atuação com os sujeitos envolvidos na temática abordada.

3.2.1 Formação e tempo de atuação

Dos oito professores de Educação Física na rede de ensino municipal em Porto Franco – MA entrevistados, seis manifestaram ser formados em EF, um em pedagogia e um em Ciências Sociais. Já em relação ao tempo de atuação como docente, dos oito professores, um atuava a um ano e meio; três atuavam a dois anos; um a dois anos e meio; dois a doze anos; um a quinze anos, sendo doze anos pelo município.

3.2.2 Etapas de atuação na Educação Básica e atuação com o TEA.

Sobre as etapas da educação em que os professores atuavam, dos oito professores entrevistados, um atuava de 1° ao 5° ano; um de 1° ao 6°; cinco de 6° ao 9° ano, sendo que um deles relatou já ter trabalhado no Ensino Médio e técnico; um que atuava nos anos iniciais e finais do ensino fundamental, segundo ele 1° ao 9° ano.

Sobre a atuação com aluno autista, entre os professores, três relataram no momento da pesquisa estar atuando com alunos autistas; três nunca tiveram nenhum aluno autista (com laudo); um que já teve, porém na oportunidade não estava atuando com nenhum; além de um que relatou não ter tido nenhuma experiência, no entanto manifestou ter alunos especiais, em que, segundo o mesmo, não era possível tipificar algum um transtorno, mas se investigados teriam algum diagnóstico.

3.2.3. Formação continuada e experiências dos professores com o TEA.

Na perspectiva de experiências com alunos autistas, quatro professores relataram não terem tido experiências com sujeitos com TEA; os outros quatro apresentaram falas bastante distintas: um retratou que os circuitos funcionais estavam entre as suas atividades favoritas para trabalhar com as crianças; um que as crianças

mudavam de humor muito rápido, porém o mesmo conseguia promover a inclusão; um deles pontuou que as crianças com autismo não eram exigidas como as demais; outro que a coordenação motora das crianças com autismo não era bem desenvolvida como a das outras crianças, apesar de terem a parte cognitiva bastante aguçada.

No tocante a especializações e experiências dos professores, dois deles dispõem de formação específica ou outra formação para além da graduação, envolvendo psicomotricidade funcional e educação especial; um relatou não ter formação específica, mas mencionou a participação em cursos promovidos pelo município; cinco relataram não possuir especialização para atuar com sujeitos TEA.

3.2.4 Importância da EF e a agenda de atendimento ao sujeito com autismo.

No que se refere a importância da Educação Física para o desenvolvimento da criança autista, a maioria dos professores convergem em alguns pontos, dentre eles: a comunicação, a interação com outras crianças, o desenvolvimento motor e o cognitivo. Destacamos que apenas um dos professores não soube ou não quis falar a respeito. Além dos pontos convergentes, alguns pontos divergentes foram mencionados, dentre os quais: um mencionou sobre o impacto positivo na redução de estereotípias, comportamentos repetitivos, diminuição da agressividade/agitação; um abordou a respeito de uma melhora no desenvolvimento motor e cognitivo; 1 destacou a inclusão com crianças “normais”; um enalteceu o desenvolvimento e o cognitivo; um tratou de questões sobre a psicomotricidade, convívio social, linguagem e neurodesenvolvimento; um sobrelevou aspectos acerca do desenvolvimento funcional do sujeito; um tematizou a falta de estrutura para o desenvolvimento de atividades focando na necessidade de trabalhar com práticas aquáticas, que segundo ele seria muito relevante; um mencionou sobre atividade adaptada em grupo.

Não obstante, acerca da existência ou não de uma agenda de atendimento/assistência à criança autista no município, um mencionou que esse atendimento se dava por meio da Secretaria de Assistência Social, ou ainda as escolas que possuem o atendimento AEE (Atendimento Educacional Individualizado); um não apresentou uma resposta que contemplasse o questionamento realizado; um sinalizou ao não atendimento de forma ampla, mas mencionou o trabalho dos professores realizado nas escolas; um relatou que o município dispunha dessas assistências e que nos últimos anos as políticas estatais passaram a ter um pouco mais de atenção a essa agenda; um professor afirmou que sim, existe assistência,

mas não quis comentar nada à respeito; um não quis falar sobre o assunto de forma alguma; um afirmou categoricamente que sim e que, segundo ele, existe assistência/atendimento aos sujeitos com TEA, e que os mesmos ocorrem via instituições como Pequenos raios, Janelas e Estrelas. Segundo esse professor, a Luzeiros estaria desativado, mas que oferecia serviços dessa natureza e que, na ocasião, funcionava dentro das escolas, facilitando o atendimento/assistência às crianças; um dos professores afirmou que não existe no município nenhum atendimento ou assistência à criança com TEA.

4 DISCUSSÕES

Perspectivando alcançar os objetivos a que este trabalho se propôs neste capítulo analisaremos, em diálogo com a literatura, alguns excertos das falas dos professores que participaram da pesquisa. Como já foi mencionado, a pesquisa com os professores se deu através de uma entrevista, com roteiro estruturado, que abordaram tópicos como formação inicial, especialização, anos de atuação e experiências dos sujeitos com crianças autistas em suas aulas, além das suas percepções quanto a importância da Educação Física no desenvolvimento desses sujeitos e, não obstante, a existência ou não de uma agenda pública de atendimento a criança autista no município, os professores receberam nomes fictícios para garantir o sigilo de suas identidades.

Acerca desses excertos durante a entrevista, ao ser questionado quanto a já ter vivenciado, ou estar atuando com crianças autistas, o professor Fábio respondeu que, “[...] quase todas as turmas têm um aluno que tem algum tipo de transtorno, tanto autista como TDAH”. Concernente a isto, a fala do professor encontra respaldo na literatura podendo ser confirmada por estudos realizados sobre o autismo até então que confirmam a prerrogativa do mesmo, ao afirmar que:

A quantidade de crianças diagnosticadas com autismo está aumentando nos últimos anos. O que antes era de 1 em cada 10.000 (GAIATO,2018) passa a 1 em cada 59 crianças diagnosticadas com autismo segundo um levantamento realizado em 2018 com escolares norte-americanos (CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION, 2018).

Nesse sentido, os resultados demonstram que, a realidade apontada pela literatura no aumento de casos de autismo é presente no contexto escolar do município, e isso fica bastante visível na fala do professor, o que sinaliza um alerta

acerca de questões relacionadas a intervenção junto a esses sujeitos visto a complexidade dentro do espectro. No bojo dessa questão Gaiato (2018) afirma que “[...] o indivíduo com autismo pode ter outros transtornos associados, além dos já existentes no TEA”. Tal fato evidencia a complexidade do autismo coadundando com a fala do professor 1:

Infelizmente, o Autismo não tem “cara”, forma física, sinais na pele ou no rosto da criança e não aparece em exames de imagem ou de sangue. Esta condição só pode ser identificada por meio de observação do comportamento da criança e por informações coletadas por meio de relatos de seus cuidadores, até que se preencham os critérios necessários para se confirmá-lo ou descartá-lo.

Nesse contexto, Onzi e Gomes (2015) apontam que o autismo é muito difícil de ser definido de maneira exata, por não haver formas de testar ou medir o transtorno. Endossa, ainda, que quanto mais cedo a criança for diagnosticada, poderá dispor de maiores possibilidades de desenvolvimento. No entanto, por vezes, o diagnóstico não ocorre como se espera. Podemos vislumbrar um pouco da falta que faz o diagnóstico e do quão fragilizada pode se tornar a intervenção junto a esses sujeitos com a ausência do mesmo, a partir da fala da professora Laura: *“Não tenho nenhuma experiência com alunos com TEA, tenho alunos especiais que você consegue identificar um transtorno mais para isso ser comprovado teria que ter um laudo.”*

Sabemos que o professor não é o profissional responsável por diagnosticar, muito embora precise entender minimamente para poder intervir. Nessa perspectiva se faz importante o laudo, visto que as crianças com autismo não são iguais e carecem de olhares específicos às suas necessidades.

Segundo Pessim e Fonseca (2015, p. 2), “[...] muitas crianças, especialmente no Brasil, continuam por muitos anos sem um diagnóstico ou com diagnósticos inadequados.” Consequentemente, tal situação incide na prática docente e, especificamente, nas aulas de Educação Física, em que a intervenção pode acontecer de forma intuitiva ou intencional.

Isto posto, se faz necessário pensar de que forma a Educação Física poderia contribuir nos avanços e no desenvolvimento desses sujeitos. Conforme o professor João:

Muitos estudos vêm provando que a educação física e os esportes ajudam a diminuir a estereotipia das crianças com autismo - repetição de movimentos, como balançar as mãos ou bater os pés, por exemplo. O desenvolvimento na comunicação, que vem junto com as práticas esportivas, em conjunto com uma equipe multidisciplinar, também

pode proporcionar mais tranquilidade. Eu noto que muitos alunos considerados “agressivos” são apenas mais agitados pelo fato de não conseguirem se expressar da forma adequada.

Sobre a equipe multidisciplinar, a partir do mapeamento realizado com instituições públicas ou filantrópicas no município, de modo geral, é formada por: psicólogo(a)s, psicopedagogo(a)s, pedagogo(a) e o profissional de Educação Física. Diante dos achados é possível inferir que há um lugar da Educação Física na assistência/atendimento a esses sujeitos. Nesse aspecto acredita-se que os conteúdos e saberes que constituem o campo possam ser utilizados como ferramentas importantes ao desenvolvimento das crianças. Nesse sentido:

A Educação Física assume o papel de introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la por meio de jogos, esportes, atividades rítmicas e dança, ginásticas e práticas de aptidão física, tendo como principal finalidade a qualidade de vida (BETTI, 1992; BETTI; ZULIANI, 2002, apud ANDRION et al 2021).

No entanto, existem fatores que atravessam essa premissa, dentre eles podemos mencionar, a questão da formação. Nessa direção, visto as dificuldades que professores devidamente habilitados enfrentam para atuarem na área, o professor Fábio, aborda sobre suas experiências com as atividades desenvolvidas com as crianças autistas:

É bem complexo por que a gente não tem nenhuma formação voltada para essa área, mas a gente tem ajuda das nossas coordenadoras, temos internet que a gente pode estar pesquisando atividades, tanto para trabalhar a questão da coordenação motora, que a maioria dos meninos que tem esse tipo de transtorno têm a coordenação motora muito lenta, não é tão desenvolvida como os outros, apesar que a inteligência deles é bem mais aguçada que a dos outros alunos.

Isto posto, podemos afirmar que problemas como esses apontados pelo professor Fábio, podem ser ainda maiores, tendo em vista a área de formação desses profissionais. Na esteira dessa discussão, o Professor Joaquim, sublinhou: *“Crianças que mudam de comportamento, muito rápido, tem dias que estão bem, outros estão de mal humor,[...]”*. Entende-se que tal fato pode se agravar com a falta de preparo do professor para atuar na área. Isso também pode ser reflexo dos currículos dos cursos de Licenciatura, que não dispõem de muitas disciplinas voltadas para a intervenção pedagógica para pessoas com deficiência ou que necessitam de cuidados especiais. (BOATO et al 2012, p. 895).

A realidade se agrava quando adentramos no contexto a especialização, em que cinco dos professores relataram não possuir nenhum tipo de formação específica

para atuarem com crianças autistas. Conforme a fala do professor Fábio “*Não tenho formação específica. Não tive a oportunidade de fazer*”.

Já o professor Luís, quando questionado sobre suas experiências com TEA, relatou que: “[...] *experiência em relação a esses alunos era que os mesmos, não eram exigidos igualmente aos demais alunos, eram atribuídas notas aprovativas*”. Assim, sendo, conforme Costa e Sousa (2004, p. 39):

Entendemos que é preciso romper com a atual organicidade escolar, buscar novos princípios filosóficos como diretriz para a educação/educação física, buscando compreender que os homens são diferentes e é na diferença que ocorre a compreensão dos seus limites e possibilidades, é preciso redimensionar o tempo e o espaço do trabalho escolar, [...] e ainda aprender a lidar com o uno e o diverso simultaneamente, que é, no nosso entendimento, o grande desafio para a educação/educação física neste século XXI.

Com isso, não poderíamos deixar de recorrer a visão dos professores em relação a agenda de atendimento à criança autista no município. Quanto a isso, o professor José, abordou: “[...] *na minha opinião eu ainda não vi um amplo atendimento com as crianças com autismo*”. A professora Louise ratificou manifestando: “[...] *acredito eu, que não tem nenhum atendimento ou assistência a uma criança com TEA em Porto Franco, segundo meus conhecimentos não*”.

O professor João, por sua vez, sinalizou que “[...] *no município creio que a própria assistência social pode fazer esse trabalho ou as escolas que possuem AEE*”. Já professor Luís, relatou que “*Existe, e com o passar dos anos as políticas públicas tem afunilando mais ainda o olhar para esse público específico*”. Corroborando com o relato anterior, o professor 6 expressou:

Sim, em Porto Franco tem a instituição Estrelas, a Janelas que faz um trabalho de apoio psicológico voltado a essas crianças, como a instituição Luzeiros fechou e foi para dentro da escola, ficou mais fácil eles terem esse atendimento dentro da escola, aqui mesmo temos uma sala de apoio psicológico para crianças com diferentes tipos de transtorno ou qualquer outra anomalia voltada, tudo isso a gente já tem em nosso município. Políticas em si nós temos a instituição Luzeiros que faz esse atendimento e está em funcionamento no município.

Por fim, a partir das falas dos professores pesquisados é possível perceber divergências nas manifestações apresentadas, tanto no contexto envolvendo a escola, quanto envolvendo a agenda pública de atendimento a criança autista. Tal fato é respaldado pela fala de alguns profissionais que atuam nas instituições sociais já mencionadas neste trabalho, dentre elas podemos destacar a do facilitador de

esportes que atuava na sétima instituição apresentada, que pontuou: “[...] *se nós for fazer um contexto geral é uma coisa muito pouca, infelizmente, você vê que falta muita estrutura pra eles ainda, [...] para que melhore a qualidade de vida deles*”. Essas considerações encontram eco na fala do professor José, que opina: “[...] *eu ainda não vi um amplo atendimento com as crianças com autismo*”, bem como na da professora Louise que expôs: “*Acredito eu, que não tem nenhum atendimento ou assistência a uma criança com TEA em Porto Franco, segundo os meus conhecimento não*”.

Em linhas gerais, o cenário como pudemos constatar é de professores sem in(formação) e escassez de ações realizadas de forma planejada por parte do poder público representado pelas instituições que sinalizam uma certa negligência no tange as práticas corporais direcionadas a crianças com autismo no município Sintomaticamente, essa crise cíclica reverbera no contexto escolar e se estende para a vida das crianças autistas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ressaltamos que o objetivo da presente pesquisa era o de mapear e analisar ações desenvolvidas, que atendam (ou não) a crianças autistas no município de Porto Franco, Maranhão. A priori, mapeando as ações por meio da agenda de atendimento por parte das instituições públicas e filantrópicas e, posteriormente, sob a perspectiva escolar que atendam (ou não) as crianças com TEA.

Isto posto, com o presente trabalho concluímos que há uma demanda instalada já sinalizada até mesmo pela literatura, há um trabalho sendo desenvolvido mesmo que de forma empírica e desorientada, assim como também há lugar da/para a Educação Física no atendimento à criança autista, muito embora este não venha sendo ocupado de forma profícua devido a diversos fatores, dentre os quais, destacamos: a falta de formação dos professores para atuar com autistas, a ausência do diagnóstico precoce, a vulnerabilidade social, as questões geográficas, além do curto tempo de atuação docente da maioria dos entrevistados e ainda as grades curriculares dos cursos de licenciatura apontadas por alguns autores.

Ademais, inferimos que não há uma agenda estruturada de atendimento assistencial ao TEA no município, por parte do poder público, e outras instituições associadas a este, e que tudo isso são fatores que atravessam o contexto comunitário afetando as intervenções. Percebemos que as ações voltadas para o público acontecem de forma geral e pouco substanciada, englobando o contexto amplo

de deficiências, e tratando o autismo na maioria das vezes em uma perspectiva de doença e limitação não contemplando as suas potencialidades. Com isso, a realização de ações de forma pulverizada; sinaliza que o município não está totalmente preparado para lidar com esse público, muito embora já engatinhe em direção a esse horizonte.

Por fim, concluímos que mediante o cenário exposto este trabalho se faz necessário de forma a incitar olhares mais atentos ao autismo e suas especificidades e a refletir quanto a necessidade de intervenções mais estruturadas tanto do poder público quanto de professores da rede de ensino, e para que quanto professores busquem uma formação para além da oferecida nas universidades visando entender de forma mais clara o TEA para assim proporem ações mais direcionadas e por conseguinte mais eficientes que vise a qualidade de vida desses sujeitos. Assim este trabalho serve como base para incitar futuras pesquisas que instiguem reflexões do lugar do autista nas universidades e mais nos cursos de licenciatura, levando os colegiados a refletirem como seria ensinar o autista a ensinar, em um contexto de formação de professores.

REFERÊNCIAS

ASSUMPÇÃO, Francisco B, Jr; PIMENTEL, Ana Cristina M. Autismo infantil. *Brazilian Journal of Psychiatry*, v. 22, p. 37-39, **SciELO**. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1516-4446200000600010>. Disponível em: SciELO-Brasil-Autismo infantil Autismo infantil. Acesso em: 03 setembro 2022.

BARDIN, Laurence, *Análise de conteúdo*. São Paulo. Edições 70, 2016. Acesso em: 05 setembro 2022.

BETTI, Mauro; ZULIANI, Luis Roberto. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte Educação Física Escolar: Uma Proposta De Diretrizes Pedagógicas**, Ano 1, Número 1, 2002. Disponível em: (PDF) Educação Física Escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas(researchgate.net). Acesso em: 08 setembro 2022.

BOATO, Elvio M.; et al. Capacitação de professores para inclusão de pessoas deficientes nas aulas de educação física. *Desafio Singular - Unipessoal, Lda Vila Real, Portugal. Motricidade*, 2012, v. 8, n. S2, p. 891-900. Disponível em: Redalyc. Capacitação de professores para inclusão de pessoas deficientes nas aulas de educação física. Acesso em: 10 setembro 2022.

BOSA, Cleonice, A. **Autismo: intervenções psicoeducacionais**. Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre (RS), Brasil, a07v28s1.pdf (scielo.br),2006. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1516-44462006000500007>. Disponível em: SciELO- Brasil- Autismo: intervenções psicoeducacionais. Acesso em: 11 setembro 2022.

CAMARGO, Siglia, P H; BOSA, Cleonice, A. **Competência Social, Inclusão Escolar e Autismo: Revisão Crítica da Literatura**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. 2009. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722012000300007>. Disponível: SciELO-Brasil-Competência social, inclusão escolar e autismo: um estudo de caso comparativo. Acesso em: 13 setembro 2022.

GAIATO, Mayra. S.O.S. **Autismo**: Guia completo para entender o transtorno do espectro autista - Mayra Gaiato - São Paulo: nversos 2018. 205 p. Acesso em: 15 setembro 2022.

KLIN, Ami. **Autismo e síndrome de Asperger**: uma visão geral. Brazilian Journal of Psychiatry, v. 28, p.3, 2006. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1516-44462006000500002>. Disponível em: SciELO-Brasil-Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. Acesso em: 18 setembro 2022.

ONZI, Franciele Z; GOMES, Roberta F. **Transtorno do Espectro Autista**: a importância do diagnóstico e reabilitação. **Caderno pedagógico**, Lajeado, v. 12, n. 3, p. 188-199, 2015. Disponível em: TRASNTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: A IMPORTÂNCIA DO DIAGNÓSTICO E REABILITAÇÃO I Onzi IRevista Caderno Pedagógico (univates.br). Acesso em: 20 setembro 2022.

PESSIM, Larissa E; FONSECA, Bárbara Cristina R. **Transtornos do espectro autista: importância e dificuldade do diagnóstico precoce**. **Revista FAEF**, v. 3, n. 14, p. 7-28, 2015. Disponível em: faef.revista.inf.br/imagens_destaque/pnnWsCHLoL9zOLE_2015-3-3-14-7-28.pdf. Acesso em: 29 setembro 2022.

PIMENTEL, Kamilah, B. **Transtorno do espectro autista: Um olhar acerca das práticas docentes nas aulas de educação física em Tocantinópolis-To**, p.13-43, 2020. Disponível em: Kamilah Borges Pimentel-TCC Educação Física.pdf(uft.edu.br). Acesso em: 03 outubro 2022.

PINTO, Rayssa, N, M. TORQUATO, Isolda Maria, B, *et al.* **Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares**. Revista Gaúcha Enferm set 2016. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-960739>. Acesso em: 05 outubro 2022.

RECHINELI, Andréa et al. **Corpos deficientes, eficientes e diferentes: uma visão a partir da educação física**. Rev. bras. educ. espec, Marília, v. 14, n. 2, p. 293-310, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/Kd3GKHzFrsTNBrrFGwbXSGx/?format=pdf>. Acesso em 07 outubro 2022.

SÁ, Maria das Graças C,S et al. **Representação simbólica e linguagem de uma criança com autismo no ato de brincar**. Revista brasileira de ciências do esporte, Espírito Santo, p. 355-351, 2015. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0101328915000785?via%3Dihub>. Acesso em: 10 outubro 2022.

STELZER, Fernando Gustavo. **Uma pequena história do autismo**. Cadernos Pandorga de Autismo. São Leopoldo, v. 1, 2010. Disponível em: <https://fdocumentos.tips/document/uma-pequena-historia-do-autismo.html?page2>. Acesso em: 13 outubro 2022.

VOLKMAR, FRED R; WIESNER, LISA A. **Autismo: guia essencial para compreensão e tratamento**. Porto Alegre: Artmed, 2019. Acesso em: 17 outubro 2022.

APÊNDICE

Questionário de pesquisa de campo, a ser realizado com os profissionais em Educação Física do Município de Porto Franco, que atuem ou já tenham atuado com crianças com TEA.

1. Você possui formação em nível superior? Se sim, qual?
2. Há quanto tempo atua na docência?
3. Você atua em quais etapas da educação básica no Município de Porto Franco?
4. Você já teve algum(a) aluno(a) no Município de Porto Franco com Transtorno do Espectro Autista?
5. Caso a resposta da questão anterior seja afirmativa, comente sobre a(s) sua(s) experiência(s) e a(s) atividade(s) desenvolvida(s) com esse(s) sujeito(s). Há registros fotográficos ou de outra natureza?
6. Você possui alguma formação específica para atuar com sujeitos com necessidades educativas especiais (NEEs)? (Ex.: especialização, cursos, formação continuada etc.).
7. Na sua opinião, qual a importância (ou lugar) da educação física para o desenvolvimento da criança com autismo?
8. Na sua percepção, há uma agenda de atendimento/assistência à criança autista em Porto Franco, considerando a conjuntura político governamental, no âmbito das políticas públicas desenvolvidas dentro do município?